

Ceticismo construtivo e racionalidade situada: para uma epistemologia humanista

Resumo:

Este ensaio propõe uma epistemologia crítica e humanista, ancorada em uma postura de ceticismo construtivo, que reconhece os limites do conhecimento humano sem cair no relativismo niilista. Dialogando com autores como Protágoras, Charles Taylor e Paul Ricoeur, busca-se demonstrar que é possível sustentar uma racionalidade ética e situada, aberta à revisão, ao diálogo e à responsabilidade compartilhada.

Introdução

Diante dos impasses entre o relativismo radical e o dogmatismo epistemológico, este ensaio propõe uma terceira via: uma epistemologia humanista, cívica e cética, fundada na experiência concreta do sujeito humano. Partindo da ideia de que o conhecimento não é nem absolutamente subjetivo nem plenamente objetivo, sustento que ele é sempre situado, relacional e perfectível. Esta postura evita tanto o niilismo quanto a imposição de verdades inquestionáveis, permitindo avançar na compreensão e em valores compartilháveis, sem renunciar à crítica e ao questionamento.

O ser humano como ponto de partida do conhecimento

Somos todos membros da mesma espécie, com capacidades cognitivas, afetivas e sociais comuns, mas também com trajetórias individuais absolutamente singulares. Essa tensão entre igualdade biológica e diferença existencial produz uma diversidade de perspectivas que torna a verdade um processo de interpretação, e não uma posse absoluta. Tal abordagem ecoa o pensamento de Charles Taylor sobre a identidade enraizada em redes de significado histórico-cultural.

Experiência e transformação do sujeito

O conhecimento não é um conjunto estático de proposições, mas um percurso. As opiniões que um indivíduo sustenta mudam com a experiência, com o acesso a novas informações e com a disposição para rever suas convicções. Essa mudança não é sinal de fraqueza ou de relativismo vazio, mas sim de crescimento racional e moral.

Ceticismo não é niilismo

O ceticismo, neste modelo, não é a negação da possibilidade de conhecimento, mas o reconhecimento de seus limites. O cético entende que o saber é falível e sempre provisório, o que o torna aberto ao diálogo, à revisão e ao aperfeiçoamento. Em oposição ao niilismo que abandona o sentido, o ceticismo construtivo insiste na busca por compreensão, mesmo sem garantias finais. Essa perspectiva encontra raízes tanto no ceticismo pirrônico de Sexto Empírico quanto na crítica kantiana ao dogmatismo metafísico.

Conhecimento situado, não arbitrário

Nem tudo é relativo. Há verdades físicas, biológicas, sociais e morais que emergem da experiência partilhada da humanidade. A gravidade, a dor, a morte, a necessidade de convívio social, por exemplo, são dados que moldam nossa condição e não podem ser ignorados por qualquer visão cultural. Isso não implica que toda interpretação é igualmente válida: algumas interpretam melhor a realidade que outras, e isso pode ser debatido racionalmente. Essa linha argumentativa se aproxima da hermenêutica crítica de Paul Ricoeur.

Implicações éticas e democráticas

Uma epistemologia cívica e humanista exige o reconhecimento do outro como sujeito de experiência e interpretação. Isso funda a possibilidade do diálogo, do respeito e da construção coletiva do conhecimento. Em vez de verdades impostas ou relativismo descompromissado, trata-se de buscar compreensões melhores, mais justas, mais inclusivas. Tais implicações ecoam a 'ética da autenticidade' de Charles Taylor.

Diálogo com pensadores contemporâneos

A proposta aqui delineada encontra ressonância em diversos pensadores contemporâneos que também buscam escapar aos impasses entre o ceticismo destrutivo e o absolutismo dogmático.

- Charles Taylor destaca que toda identidade humana se constrói historicamente, por meio do reconhecimento e do diálogo com tradições e comunidades. Para ele, a verdade não é um absoluto externo, mas algo que emerge das redes de significados que os sujeitos compartilham e atualizam.
- Paul Ricoeur sustenta que a verdade é fruto da interpretação amadurecida, e não da eliminação da interpretação. Sua hermenêutica enfatiza a mediação simbólica, o papel da narrativa e a responsabilidade do sujeito interpretante, oferecendo um modelo sofisticado de racionalidade situada e ética dialogal.

Esses autores, cada um a seu modo, compartilham a noção de que o saber humano é sempre parcial, transformável e relacional — mas, por isso, não por isso menos valor. Eles reforçam que a busca pela verdade deve ser sustentada pela abertura, pela escuta e pela responsabilidade mútua.

Protágoras e a medida humana: experiência, formação e responsabilidade interpretativa

A máxima de Protágoras — 'o ser humano é a medida de todas as coisas' — muitas vezes foi reduzida a um relativismo simplista no qual cada indivíduo possuiria sua própria 'verdade'. Essa leitura empobrecedora ignora o aspecto mais profundo de sua proposta: a ênfase no papel da experiência humana como ponto de partida do conhecimento. Ao afirmar que o ser humano é a medida, Protágoras não nega a existência de um mundo comum; ele recusa a pretensão de um saber absoluto e descontextualizado. O que enfatiza é que toda percepção, juízo e conhecimento passam inevitavelmente pelas capacidades, limitações, vivências e formação do sujeito. Essa perspectiva antecipa, de modo surpreendente, tanto a

hermenêutica de Ricoeur quanto a teoria dos horizontes de significado de Taylor, compondo um núcleo sólido para uma epistemologia situada.

Conclusão

O conhecimento não é um espelho da realidade nem um construto arbitrário: é uma atividade humana situada, racional, limitada e aberta. A consciência desses limites é condição para um saber mais humilde, mais dialogal e mais comprometido com a convivência. O ceticismo aqui não é paralisia, mas sim motor de busca e de prudência filosófica — e a tradição que vai de Protágoras a Ricoeur e Taylor demonstra que reconhecer a 'medida humana' é condição para uma epistemologia mais sensível, responsável e profundamente humanista.

Referências bibliográficas

Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Platão. *Teeteto*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA.

Ricoeur, Paul. *Teoria da Interpretação – O discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2013.

Taylor, Charles. *As Fontes do Self*. São Paulo: Loyola, 1997.

por Odair Aguiar

Monte Alegre do Sul, 2025